

Os economistas esperam recessão e maxi em 83

ESTADO DE SÃO PAULO

Inflação acima de 75%, possibilidade de recessão com queda de até 4% no Produto Interno Bruto, agravamento do desemprego principalmente no setor público e necessidade de uma maxidesvalorização cambial para estimular as exportações e evitar um corte drástico nas importações. Essas previsões foram feitas ontem pelos economistas Paulo José Possas, vice-presidente da Corporação Bonfiglioli, José Luiz de Carvalho, da Fundação Getúlio Vargas, e Carlos Antonio Rocca, presidente da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP e do Conselho de Administração do Mappin.

Reunidos num debate na Associação Comercial de São Paulo para analisar as perspectivas econômicas para o próximo ano, os três economistas manifestaram-se contra uma política recessiva, por entender que a recessão não soluciona os problemas econômicos brasileiros. Reconheceram, porém, que as medidas anunciadas recentemente pelo ministro da Fazenda para 1983, entre elas cortes nas importações para reduzir o déficit em conta corrente, de US\$ 12,5 para 8 bilhões, são as premissas de uma nova fase recessiva.

HIPÓTESES PARA 83

Possas sugeriu inicialmente, como medida de longo prazo, a criação de um novo padrão monetário internacional para substituir o dólar que perdeu essa função. A nova moeda, segundo ele, seria baseada nos preços de uma cesta de aproximadamente 60 commodities (soja, trigo, ferro, petróleo etc). Com essa base mais ampla, a moeda teria maior estabilidade e poderia ser utilizada para refinarçar a longo prazo a dívida externa do terceiro mundo.

Em seguida, analisando as perspectivas para 83, Possas apontou quatro hipóteses:

a) maxidesvalorização de 30%, contenção da base monetária em 50%, negociação livre dos reajustes salariais, inflação de 70% e queda de cerca de 7% no Produto Interno Bruto; b) — manutenção da política atual e das diretrizes já anunciadas, com possibilidade de inflação de 100%, 2% de crescimento do PIB, dívida interna extremamente alta e manutenção das altas taxas de juros; c) — desvalorização cambial de 30%, liquidez interna escassa com 75% de expansão dos meios de pagamento, eliminação de reajustes salariais com 10% acima do INPC (em troca de alguma estabilidade), queda de 4% no PIB e inflação de 80% a 90%; d) — a quarta hipótese, recomendada por Possas, seria maxidesvalorização de 30% acompanhada por mecanismos de proteção cambial, reativação dos investimentos públicos em áreas que geram mais emprego e não dependem de importação,

como a construção civil. O PIB cresceria 5% e a inflação ficaria ao redor de 130%. Correção monetária em ritmo menor para aliviar o serviço da dívida interna, o que afetaria principalmente os salários e o resultado de aplicações em poupança.

MAXIDESVALORIZAÇÃO

José Luiz de Carvalho, da FGV, disse que a maxidesvalorização cambial, de no mínimo 30%, é a única maneira de reduzir os juros internos e principalmente de tornar possível o superávit comercial de 5 a 6 bilhões de dólares que o governo espera para 83. Sem essa maxidesvalorização, o superávit só poderá ser obtido com corte de importações porque as importações, que já estão difíceis por falta de preços competitivos, ficariam praticamente impossíveis nos próximos meses, com a extinção do crédito prêmio.

Para compensar o prejuízo proveniente da maxidesvalorização, as empresas com dívida externa teriam algum tipo de compensação na correção monetária. Ele prevê que os juros no mercado norte-americano (*prime rate*) se mantenham em 83 na faixa de 13%, contra 12% no mercado financeiro de Londres (Libor).

Carvalho prevê para 83 uma elevação do Imposto de Renda para a camada mais rica da população, reformulação do sistema previdenciário, de maneira a abolir seu déficit crescente, inflação entre 75% e 80% e queda de 3% a 3,5% no PIB.

DISTRIBUIR SACRIFÍCIOS

Carlos Antonio Rocca prevê que a situação econômica continuará difícil em 83. "Teremos mais distribuição de custos que de benefícios e para isso será necessário a procura de um consenso na sociedade." Haverá um esforço para redução dos gastos públicos e do nível de atividade econômica, mais ou menos acentuada, dependendo do comportamento da economia externa, por sua vez vinculada à evolução das taxas de juros.

Para o ex-secretário da Fazenda do Estado de São Paulo dificilmente haverá crescimento da economia em 83, podendo ocorrer recessão mais ou menos acentuada dependendo da situação externa. Embora assinalando que a recessão prevista na política econômica delineada para 83 não solucionará os problemas, Rocca não acredita que haja uma orientação em outro sentido.

Com relação à proposta de maxidesvalorização cambial, feita por Possas e por Carvalho, Rocca adotou uma posição bastante cautelosa. Segundo ele a melhor solução para estimular as exportações é a manutenção — se necessário uma elevação — do ritmo de minidesvalorizações.